

***Nekropolis: uma experiência por um fio da música no teatro***, por  
Gustavo Kurlat<sup>83</sup>

**Resumo:** O texto apresenta, de modo bastante sintético, alguns expedientes de que se lançou mão para o trabalho coletivo com relação à criação das músicas que fizeram parte do espetáculo *Nekropolis*, criado por artistas-aprendizes, em parceria com profissionais da área musical, da Escola Livre de Teatro de Santo André (ELT). Uma experiência - fora dos padrões - de criação de um repertório de canções para um texto teatral e sua dramaturgia musical, dentro de um processo colaborativo.

**Palavras-chave:** dramaturgia musical, musicalização em espetáculo teatral, repertório de canções, teatro musical, fronteiras.

**Abstract:** The text presents, in a very concise manner, some expedients that resorted to collective work in relation to the creation of the songs that were part of *Nekropolis* show, created by artists - learners, in partnership with professionals in the music business, the Escola Livre de Teatro de Santo André (ELT). An experience - outside the box - to create a repertoire of songs for a theatrical text and musical dramaturgy, within a collaborative process..

**Keywords:** musical drama, music education in theatrical performances, musical score, musical theater, borders.

Somos seres de fronteira. Nos debatemos entre contradições, coragens e medos, olhares para o entorno e olhares para o longe. Como argentino que mora no Brasil há mais de 37 anos, me é particularmente cara essa questão fronteiriça. Na verdade, com tanto tempo nessas terras, tal questão se metaforiza a cada nova experiência, propondo desafios inerentes à dualidade própria de transpor limites.

Tenho vivido com intensidade a oportunidade da criação em espaços pedagógicos. Na Escola Livre de Teatro de Santo André essa experiência particular no campo teatral me levou a verticalizar pesquisas que talvez não acontecessem em outros contextos. Aprendizes-criadores, processos participativos, dramaturgias textuais e musicais sendo criadas conjuntamente na evolução processual, são protagonistas de possibilidades muito mais despojadas do que as que provavelmente seriam inventadas em processos mais tradicionais de criação. Talvez a invenção e montagem de *Nekropolis* tenha sido a experiência mais radical nesse sentido.

---

<sup>83</sup> Gustavo Kurlat é autor, músico, compositor, tradutor, educador, locutor, diretor e diretor musical de teatro. Realizou trabalhos para mais de cinquenta peças teatrais, assim como cinema, shows, discos e publicidade, tanto no Brasil como no exterior. Ganhou entre outros os prêmios Shell, APCA e FEMSA de teatro.

Partimos da vontade de criar um *musical*, considerando a fluência no cantar e a musicalidade do grupo de aprendizes que chegava ao último ano da escola, grupo com o qual eu já convivía como professor havia três anos. Esse criar *do grupo* era essencial – característica primordial da ELT -, alimentando a dramaturgia construída por Roberto Alvim, o trabalho de interpretação coordenado por Luis Mármora e Mariana Senne, o trabalho corporal orientado por Juliana Monteiro e a direção geral e musical e a *dramaturgia musical*, que estavam sob minha responsabilidade. Esse fio paralelo de músicas a serem criadas devia dialogar com a dramaturgia textual criando outra trama, outro nível de leitura; e isso se mostrou mais premente ainda quando começou a se configurar a história: o julgamento de um grupo terrorista que desenterrava cadáveres e os expunha publicamente, para dar voz àqueles que enquanto vivos nunca haviam tido a oportunidade de fazê-lo.

A primeira impressão foi que seria impossível criar um musical com esse enredo. Nada mais longe dos nossos imaginários de teatro musical do que essa realidade crua, essa aridez das palavras secas que Alvim trazia como uma faca, que perfurava nossos corações e nos fazia refletir sobre um mundo que flutuava entre o humano e o sub-humano. Mas entra aqui o que eu nomeei anteriormente de *oportunidade*: o teatro de grupo e o ambiente de pesquisa da Escola nos possibilitavam quebrar nossos próprios preconceitos. Num grupo de criação podemos tentar o que parece impossível. Numa escola, não temos o compromisso de ter de acertar totalmente, mas, digamos, o dever da pesquisa e da tentativa. *Que musical* seria esse que poderíamos criar com esse tema? As músicas deveriam *contar* a história ou trazer novas camadas à luz?

A resposta à segunda pergunta trouxe contorno também para a primeira. As músicas dialogariam com o texto sem repeti-lo. Trariam novos pontos de vista. Negariam, afirmariam, tomariam caminhos paralelos ou transversais, trariam o sentimento do coro narrador à tona, fariam reflexões sobre esses mundos que eram revelados como corpos desenterrados.

Deparávamos, então, com mais um desafio: o conceito de como seriam as composições estava definido, mas... precisávamos de fato compor! E quem faria isso - com a coordenação da direção, é claro, mas com total protagonismo – seria o próprio elenco. Atores e atrizes aprendizes que também seriam os compositores da própria poética musical e suas melodias.

Para isso, vários mecanismos foram detonados: o primeiro, a

escuta exaustiva e crítica de dezenas de canções do repertório popular, para aproximar-se de estruturas formais, desenho de melodias, relações entre estas e as letras, compreensão mínima das sensações que as harmonias sugeriam. Discussões, reflexões, comparações, foram sementes do trabalho que iria se desenvolver *a posteriori*. Segundo, as primeiras tentativas de encontrar as poéticas que se mostravam “necessárias” para essa equipe de criação, considerando a construção progressiva do texto e seus desdobramentos cênicos. Terceiro, a formação de parcerias: as composições, na sua maioria, seriam criadas por duplas, trios, ou até por cinco ou seis pessoas em algum caso.

Começaram a chegar assim os primeiros rascunhos. Ideias poéticas, esboços de melodias, poemas com métricas indefinidas, estruturas formalmente claras, mas que precisavam ainda ser recheadas, estruturas caóticas, mas com recheios saborosos.

E assim como tínhamos feito com o material inicial de escuta, fizemos com esses rascunhos. Escutamos. Criticamos. Analisamos. Compreendemos as formas. Exercitamos o desapego. E a partir disso modificamos, reescrevemos, ajustamos. Coube a mim e a Cristiano Gouveia, meu assistente da direção musical, ajudar a dar a forma final desse material e principalmente harmonizá-lo. As melodias e as letras foram praticamente finalizadas antes disso, como fruto do esforço coletivo.

Ideias surgidas a partir do próprio texto começaram assim a modificá-lo ao serem cantadas entre os hiatos da narrativa, criando assim um novo espaço de compreensão e uma nova possibilidade de relação com o discurso. O coro achava assim sua própria linguagem no espetáculo.

Grupo e espaço de pesquisa possibilitaram a criação de algo que, como já afirmado, dificilmente seria criado fora desse contexto, absolutamente favorável. Um musical fora dos padrões que normalmente transitamos. Um desafio para todos os participantes. Uma experiência que nos modificou.

### **Algumas criações musicais de Gustavo Kurlat:**

<http://www.radio.uol.com.br/#/busca/artista/gustavokurlat>

<https://www.youtube.com/watch?v=WfCtwTPIp28>

<https://www.youtube.com/watch?v=6twNrluekGo>

<https://www.youtube.com/watch?v=WfCtwTPIp28>

<https://www.youtube.com/watch?v=CE9DmX0Bu5Y>

<https://www.youtube.com/watch?v=I64M-CTJQjw>